



Protestantismo em Revista é licenciada sob uma Licença Creative Commons.  
<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v45i2>

## O MARTÍRIO NA CONCEPÇÃO DE EUSÉBIO DE CESARÉIA<sup>1</sup>

### MARTYRDOM IN THE CONCEPTION OF EUSÉBIO OF CAESARÉA

Tiago Nunes Pinheiro<sup>2</sup>  
Terezinha Oliveira<sup>3</sup>  
Rafael Henrique Santim<sup>4</sup>

#### Resumo:

O objetivo do presente artigo é analisar alguns episódios de martírio narrados na História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia (265-339), mais conhecido como pai da História da Igreja por causa de sua mais famosa obra, *História Eclesiástica*. Acreditamos que, por meio desse estudo, teremos a oportunidade de compreender como o cristianismo se colocou como um modelo educativo que buscava restaurar a ordem imperial romana prestes a ruir.

**Palavras-chaves:** História da Educação; Eusébio de Cesaréia; História Eclesiástica; Martírio.

#### Abstract:

The purpose of this article is to analyze some episodes of martyrdom narrated in the Ecclesiastical History of Eusébio de Caesaréia (265-339), better known as the father of the History of the Church for his most famous work, *Ecclesiastical History*. We believe that, through this study, we will have the opportunity to understand how Christianity positioned itself as an educational model that sought to restore the Roman imperial order on the verge of collapse.

**Keywords:** History of Education; Eusebius of Caesarea; Church History; Martyrdom.

\*\*\*

#### Introdução

Nesta pesquisa, iremos abordar algumas das narrativas de Eusébio de Cesaréia sobre o martírio de cristãos, praticados no Império Romano, e a influência pedagógica dessas narrativas para a formação humana. Assim, analisamos as formulações de Eusébio de Cesaréia sobre o martírio na *História Eclesiástica (HE)*, procurando verificar de que modo o bispo de Cesaréia considerava o martírio como estratégia pedagógica.

A obra *História Eclesiástica* foi, segundo seu autor, resultado de 25 anos de pesquisa histórica. Nos primeiros sete livros, o bispo de Cesaréia narra a vida de Jesus, dos apóstolos e dos

<sup>1</sup> Enviado em: 15.04.2020. Aceito em: 03.02.2021.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, PR. Graduado em Teologia. Contato: [thiagopinheiro89@hotmail.com.br](mailto:thiagopinheiro89@hotmail.com.br)

<sup>3</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1986), Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (1991) e Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997). Contato: [teleoliv@gmail.com](mailto:teleoliv@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduado em Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Campo Largo. Contato: [rafael.h.santin@gmail.com](mailto:rafael.h.santin@gmail.com)

primeiros cristãos até o ano 323 d.C., tendo como cenário a Anarquia Militar que caracterizou os governos dos Imperadores Décio<sup>5</sup> e Valeriano. Já os livros oito e nove referem-se à perseguição de Diocleciano, de 303 a 308; à de Galério, no Oriente, até o Edito de Tolerância de 311; e à morte de Maximiano, em 313. No décimo livro, ele descreve a vitória de Constantino sobre Licínio e a unificação do Império (323).

Ao tornarmos o martírio o foco central de análise, na obra, destacamos dois aspectos. Em primeiro lugar, a divulgação dos ideais de Jesus, em torno do qual se desenvolve o cristianismo. Em segundo lugar, a possibilidade do convencimento em massa, pois o suplício foi uma prática importante para a disseminação do cristianismo e para a exaltação do martírio dos cristãos.

Com o objetivo de manter a religião cristã, perseguida pelo Império Romano, e promover a conversão das pessoas; Eusébio de Cesaréia utilizou os testemunhos dos cristãos para o seu relato. Acreditamos que o bispo de Cesaréia buscou fazer do cristão martirizado um *exemplum*, de modo que outras pessoas pudessem aprender com esse modelo de comportamento que definimos como ideal cristão. O propósito do autor era explícito: elevar a Igreja cristã ao nível do poder político do Império. Desse modo, o Império poderia contar com a Igreja para sua reconstrução e reestruturação. Assim, convinha que os mártires fossem exaltados por meio de escritos, possibilitando, desse modo, a criação de imagens mentais que sensibilizassem as pessoas para se converterem a essa crença.

Eusébio de Cesaréia atingia os dois principais objetivos da doutrina cristã, no seu tempo histórico, que eram: (1) promover a conversão do maior número de pessoas ao cristianismo, tornando essa religião uma forma explicativa do mundo; e, (2) possibilitar que a nascente Igreja galgasse espaços de poder junto ao Império. A partir desses aspectos mencionados, consideramos como hipótese que a obra de Eusébio de Cesaréia continha, claramente, um projeto político no qual o martírio se constituiria em um recurso pedagógico.

Ainda à guisa de apresentação da nossa pesquisa, salientamos que seguimos os pressupostos da História Social, a partir das obras de historiadores da Escola nos *Annales*, particularmente Marc Bloch e Lucien Febvre. Bloch<sup>6</sup> entendia a história como a experiência dos homens no tempo. Para ele, o historiador deve investigar os significados das ações dos homens no contexto histórico e no espaço-tempo, considerando que, em suas múltiplas dimensões, o presente é marcado pelo passado e pelo futuro. Dessa maneira, o autor desconstrói a ideia de que a história é uma ciência do passado e defende que, antes de qualquer coisa, ela é “uma ciência dos homens no tempo”. Sob essa perspectiva, o homem em sociedade é um fenômeno complexo que deve ser cuidadosamente estudado. Por este motivo, os idealizadores dos *Annales* teriam inaugurado uma perspectiva de abordagem interdisciplinar da história.

A partir dos princípios teóricos da História Social, analisaremos os relatos de martírio na *HE* como estratégia educativa em relação ao contexto histórico que lhe serviu de ambiente. Procuraremos, na análise da fonte, apreender nela a força educativa na narrativa, observando o potencial formativo da história (para todas as pessoas) e da história da educação (para todas as pessoas que querem ser professores).

---

<sup>5</sup> “Foi imperador romano entre 249 e 251 D.C. Também foi soldado e administrador. Aderira à antiga fé pagã, e deu início a uma perseguição sistemática contra os cristãos, com a ideia de extingui-los totalmente.” (CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 1 a 6. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 27).

<sup>6</sup> BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Assim, o artigo apresentará a seguinte estrutura: em primeiro lugar, trataremos do contexto histórico, enfatizando a crise do Império Romano e, conseqüentemente, o ambiente favorável ao crescimento do cristianismo; em segundo lugar, apresentaremos a narrativa do bispo de Cesaréia sobre o martírio, destacando suas virtudes como exemplo de um cristão ideal e de inspiração para a reestruturação do Império.

### A crise do Império Romana

Para Edward Gibbon<sup>7</sup> e Pierre Grimal<sup>8</sup>, o Império Romano enfrentou, no século IV, um período de decadência<sup>9</sup>, também conhecido como Antiguidade Tardia e/ou Baixo Império. Múltiplos acontecimentos colaboraram para isso: a fragilidade de vários imperadores que, por causa das inúmeras conspirações, não permaneciam no poder por muito tempo; a anarquia militar<sup>10</sup>, durante a qual o exército do Império tinha grande influência sobre o governo; as invasões dos bárbaros que se intensificaram; o crescimento da religião cristã, que se opôs aos deuses romanos; a crise da escravidão, decorrente do arrefecimento das conquistas romanas em terras estrangeiras, e a conseqüente crise econômica, que se instalou justamente por causa da guerra.

Segundo Grimal<sup>11</sup>, os imperadores que governaram durante a crise não tinham alternativas, pois precisavam dar prioridade às guerras para permanecerem no poder. Barbero<sup>12</sup> afirma que os bárbaros aproveitaram a instabilidade do Império Romano para intensificar suas invasões, forçando-os a investirem muitos recursos na defesa das fronteiras. Com a atenção voltada à defesa do Império, o governo romano se deparou com a crise da escravidão, um mercado antes lucrativo e que, naquele momento, enfrentava dificuldades, principalmente por causa da dificuldade de expansão do Império, com o conseqüente assalto a terras estrangeiras, fato este que colaborou para a crise econômica.

Os anos iniciais do século IV foram decisivos na história da Igreja cristã, seja pela própria crise do Império que atingia as pessoas e as instituições, seja pela grande perseguição que poderia extingui-la, seja, ainda, pela publicação de um edito em favor da ascensão e da estruturação do cristianismo.

Segundo Roux<sup>13</sup>, a construção do Império Romano foi resultado de guerras, as quais contribuíram para a ruptura do sistema anterior. Isso significa que, durante toda a história do Império, não houve paz plena, apenas momentos em que a atividade militar passou ao segundo plano porque o foco eram assuntos internos, como o cristianismo e as pestes. Por essa razão, acreditamos que a crise do Império colaborou para que Eusébio de Cesaréia escrevesse a *HE*, favorecendo a iniciativa de formar o homem ideal de sua época por meio do exemplo dos mártires.

---

<sup>7</sup> GIBBON, E. Declínio e queda do Império Romano, 2008, p. 108

<sup>8</sup> GRIMAL, P. *O Império Romano*, 1993, p.79

<sup>9</sup> CHAMPLIN (2008) informa que o século IV é considerado um período de decadência por causa das crises políticas e econômicas e das invasões barbaras.

<sup>10</sup> “O termo Anarquia Militar, o mais utilizado na historiografia concernente ao período, indica a situação do Império em termos políticos. A maioria absoluta dos imperadores foi escolhida de forma rápida, pelas legiões estabelecidas nas fronteiras, para substituir governantes mortos nos campos de batalha, em guerras travadas contra vários invasores” (SILVA; MENDES, 2006, p. 185-186, grifo nosso).

<sup>11</sup> GRIMAL, 1993.

<sup>12</sup> BARBERO, Alessandro. O dia dos Bárbaros: 9 de agosto de 378, 2010.

<sup>13</sup> ROUX. Patrick Le. *Império Romano*, 2009, p. 265-266.

Gibbon destaca que, diante de tantas invasões nas fronteiras, era comum a morte dos imperadores; eles podiam ser mortos pelas mãos dos bárbaros ou pelo próprio exército romano, quando suas atitudes não agradavam aos seus militares, o que enfraquecia o poder romano. Essa situação propiciava que a sucessão dos imperadores se fizesse por meio do exército, isto é, o escolhido para ascender ao trono era sempre um homem das fileiras militares.

Não há, por exemplo, maior dificuldade em conceber que a morte sucessiva de tantos imperadores tivesse afrouxado os laços de vassalagem entre o monarca e o povo; que todos os generais de Filipe estivessem dispostos a imitar o exemplo de seu senhor; e que o capricho dos exércitos, havia tanto habituados a mudanças radicais, frequentes e violentas, pudesse a qualquer momento colocar no trono o mais obscuro de seus companheiros de arma [...].<sup>14</sup>

Depreendemos dessa situação que o poder do exército sobre o Imperador foi uma das razões do colapso romano. A política romana não era mais fortalecida e nem as estratégias de governo, ampliadas. Gibbon<sup>15</sup> menciona que a falta de sucessão adequada gerou muitos problemas, pois os súditos não se identificavam e não se sentiam representados pelo respectivo monarca, intensificando ainda mais a crise.

Portanto, continuar no governo era um desafio. Com tantos ataques nas fronteiras, muitos desses imperadores<sup>16</sup> não chegaram a pisar em Roma durante seu governo e, por isso, não tiveram tempo de solicitar que sua ascensão fosse ratificada pelos senadores, pois tal ato requeria tempo, e o senado não se sentia representado por um governante tão efêmero. A sucessão de imperadores em tão pouco tempo tornou difícil estabelecer soluções positivas e construtivas para o Império.

No século IV, apesar das tentativas de Diocleciano e de Constantino para reestruturar a sociedade romana, duas situações colaboraram diretamente para a ruína do Império: o anseio do exército em aclamar um general como imperador e os ataques nas fronteiras.<sup>17</sup> Em suma, a crise do período anterior se intensificou com as constantes invasões, provocando o acirramento da crise econômica, já que conservar as fronteiras exigia muitos recursos e um esforço extra de mão de obra para o fornecimento de materiais para o exército. Assim, por um lado, aumentavam as despesas e, por outro, deixava-se atividades mais lucrativas para investir na manutenção da guerra.

Os bárbaros tinham um caráter belicoso, era preciso castigá-los [sic] frequentemente, pois nunca aprendiam a lição; afinal, eles eram os bárbaros. Passando apenas um breve período da derrota, eles de novo criavam coragem, entravam em território romano, atacavam fazendas, roubavam os escravos e o botim [sic]; os imperadores então precisavam intervir, organizando expedições punitivas [...].<sup>18</sup>

Segundo Barbero<sup>19</sup>, os imperadores romanos precisavam agir rapidamente contra os invasores, caso contrário o Império sofreria mais invasões. No entanto, as ações punitivas contra os bárbaros não foram suficientes para impedir sucessivas ondas de incursões. É notável que mudanças econômicas começaram a ocorrer e que os problemas de Diocleciano permaneceram na época de Constantino, ou seja, mantiveram-se as situações críticas do século III. O Imperador, seus familiares

<sup>14</sup> GIBBON, 2008, p. 106.

<sup>15</sup> GIBBON, 2008.

<sup>16</sup> BARBERO, 2010. Este autor constata que, no século III, em um período de cinquenta anos, sentaram-se no trono imperial 22 imperadores e quase todos tiveram fim trágico.

<sup>17</sup> BARBERO, 2010.

<sup>18</sup> BARBERO, 2010, p. 26.

<sup>19</sup> BARBERO, 2010.

e oficiais viviam de maneira opulenta. A nobreza, em geral, era a grande proprietária de terras no Império. Abaixo dos nobres, havia os negociantes e os especuladores, homens bem-sucedidos nos negócios e, geralmente, ricos. Contudo, os que tinham alguma propriedade estavam desaparecendo, juntamente com seus familiares, por causa das guerras, das invasões e das doenças. Quando sobreviviam, perdiam-se em meio aos pobres das grandes cidades ou integravam a população rural, praticamente serva do Estado ou dos grandes senhores.

Rostovtzeff <sup>20</sup> afirma que a escravidão, uma importante instituição da civilização romana, começou a perder importância econômica. Já não se encontravam escravos na agricultura ou no comércio com a mesma frequência de antes: na época da crise do Império, os escravos tornaram-se empregados domésticos nas casas dos ricos e nobres. Além disso, a preocupação dos Imperadores mantinha-se em duas vertentes: manter-se no poder e conter os ataques nas fronteiras.

O fato é que o Império Romano dependia de um vasto número de escravos para manter sua economia. Esses escravos, em geral, eram provenientes das regiões conquistadas pelo Império e serviam nas grandes propriedades, cuidando do abastecimento da sociedade romana. Para Rostovtzeff, a diminuição de escravos ocorreu por falta de conquistas externas, ou seja, a substituição dos escravos mortos tornou-se difícil. A falta dessa mão de obra provocou grande dificuldade para a economia romana, pois implicou a diminuição de produção agrícola e, conseqüentemente, a redução na arrecadação de impostos. Nesse cenário de grandes crises, a sociedade romana, entre o fim do século III e o início do século IV, sofria com problemas de diversas naturezas, inclusive morais e religiosos, como veremos a seguir.

Para os romanos pagãos, a decadência de Roma demonstrava a insatisfação dos deuses pagãos com a resistência dos cristãos em cultuá-los ou um castigo do Deus cristão contra os costumes romanos. De acordo com as crenças pagãs romanas, algo teria rompido a *pax deorum*, e os cristãos foram apontados como culpados por romper a relação entre os homens e suas divindades, porque se negavam a cultuar os deuses pagãos, razão pela qual foram perseguidos.<sup>21</sup>

Com diversas dificuldades para conservar um imperador, unificar o exército, manter o número de escravos, a política do Império tornou-se cada vez mais propensa à queda. É diante desse quadro que a compreensão de martírio na obra de Eusébio de Cesaréia deve ser interpretada. A natureza educativa da narrativa de Eusébio sobre o martírio dos cristãos relaciona-se com o projeto político do autor, que era o de apresentar uma alternativa para a reestruturação do Império Romano. Para realizar esse projeto, o Bispo de Cesaréia buscava convencer as pessoas de que o modo de vida cristão poderia funcionar como solução para a crise do Império. Por isso, escreveu a *História Eclesiástica*, na qual procurou construir uma memória coletiva cristã, dando-lhe substância e fundamento histórico e social. O martírio aparece, então, nessa obra, como um recurso educativo capaz de corroborar o valor dessa memória capaz de fornecer aos romanos uma razão para viver e continuar a existir como sociedade.

## A EDUCAÇÃO POR MEIO DO MARTÍRIO NA INTERPRETAÇÃO DE EUSÉBIO DE CESARÉIA

Entendemos que as perseguições aos cristãos até o século IV d.C. constituíram momentos críticos da história da Igreja; provavelmente, é em decorrência dessa situação que esse período tenha sido

<sup>20</sup> ROSTOVITZEFF, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.

<sup>21</sup> GONÇALVES, A. T. M. Os Severos e a anarquia militar. In: SILVA, G. V. MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o império romano*, 2006. p. 175-191.

conhecido na história como a ‘era dos mártires’. Diante de todos os problemas que o Império Romano enfrentava, Eusébio de Cesaréia focava seus esforços na defesa da Igreja, exaltando o cristão martirizado acima dos demais. A nosso ver, essa estratégia mudaria por completo o cristianismo e o governo romano.

Em sua *História eclesiástica*, o bispo de Cesaréia valorizou e enalteceu o martírio cristão, considerando-o como modelo de fé a ser seguido por todos os cristãos, e enfatizou que todos os que fossem contra a fé cristã sofreriam as piores consequências.

§1 Conhecemos, sem dúvida, os que dentre eles se ilustraram na Palestina, mas conhecemos também os de Tiro, na Fenícia. Quem não se admiraria ao ver as inumeráveis chicotadas, e sob os golpes, a paciência dos atletas da religião, verdadeiramente maravilhosa e logo após os flagelos, o combate contra as feras devoradoras, os ataques de leopardos, diversos ursos, javalis, touros enfurecidos pelo aguilhão de ferro e fogo e diante de todas essas feras, a espantosa capacidade de suportar destes heróis?<sup>22</sup>

Para Eusébio, os cristãos encontravam forças na promessa de vida eterna, provocando uma compreensão de que o sofrimento, a depender das circunstâncias, poderia ser tolerado. O público presente no decorrer do martírio ficava surpreso com o comportamento dos cristãos, pois os suplicados não reagiam aos ataques. Segundo Champlin<sup>23</sup>, o martírio era frequente naquela época, sendo comum ver os condenados suplicarem pela vida, correrem ou se defenderem. No entanto, isso não ocorria com os mártires cristãos, como podemos verificar no excerto abaixo:

§2 Nós próprios assistimos a estas cenas, verificando a presença e a ação manifesta nos mártires do poder divino de nosso Salvador Jesus Cristo, a quem prestavam testemunho. As feras devoradoras não ousavam, durante muito tempo, tocar os corpos dos amigos de Deus, nem mesmo aproximar-se, mas era contra os outros, a excitá-las de fora com alguma provocação, que elas se arrojavam. Os santos atletas, sozinhos, nus, agitavam as mãos para atrair as feras (pois assim tinham ordem de fazer), mas não eram absolutamente tocados. Se por vezes lançavam-se contra eles, retidas por certa força divina, recuavam.<sup>24</sup>

Para Eusébio, Deus não permitiria que os animais atacassem os cristãos. Os relatos dão a entender que os animais pareciam compreender o que os pagãos não entendiam sobre a religião cristã e as virtudes dos mártires. Ao analisar a *H.E.*, entendemos que o mártir cristão demonstrava para o Império Romano o que significava ser um cristão ideal, que seguia até a morte os princípios e as virtudes de sua fé. As perseguições e os martírios narrados na *H.E.* têm o propósito de explicitar como essas práticas foram relevantes para direcionar os homens no ‘apagar das luzes’ da parte ocidental do Império Romano.

Desse modo, a vida do mártir é simbolizada pelo objetivo que defende, ou seja, pelos princípios, pressupostos e dogmas que caracterizam a religião que, para ele, seria a única verdadeira. O martírio cristão, a morte em favor da difusão do ideário cristão, passou a ter sentido na medida em que foi se tornando um forte testemunho dessa crença: morrer para defender a fé cristã passou a ser considerado um ato divino, exemplar, educativo e, por fim, também político. Sabemos que as instituições que, até aquele momento, asseguravam a sobrevivência do Império Romano estavam em colapso e que algum ideal (que levasse à unidade do Império) deveria ocupar seu lugar. É provável que Eusébio de Cesaréia acreditasse que esse ‘ideal’ poderia vir da Igreja cristã.

<sup>22</sup> EUSÉBIO DE CESARÉIA, *História Eclesiástica*, 2000, p. 339.

<sup>23</sup> CHAMPLIN, 2008.

<sup>24</sup> EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, p. 339.

Os cristãos tornaram-se um problema para o Império e para o paganismo porque, dada a simplicidade de seu modo de vida e a facilidade com que conseguiam dialogar com uma multidão que, muitas vezes, sentia-se ignorada, eles conquistavam muitos adeptos para a nova religião. O martírio, nesse contexto, funcionava como um ato final de desprezo pelo mundo material, isto é, a pessoa cristã considerava que valia a pena morrer pela causa da sua fé, uma vez que, assim, poderia obter um lugar no paraíso apresentado no discurso dos cristãos. Eusébio de Cesaréia afirma que,

1§ ... em muitas regiões, a perseguição contra nós aumentou de tal modo que Plínio Segundo (o Jovem), muito ilustre entre os governadores, impressionado com a multidão dos mártires, escreveu ao imperador a respeito da quantidade dos que sofriam a morte pela fé. Simultaneamente, informou que nada encontrara em suas ações de ímpio ou de oposto às leis. Somente, eles se levantavam antes do amanhecer para cantar hinos a Cristo, como a um Deus. Rejeitavam o adultério, o homicídio e os crimes odiosos da mesma espécie, e tudo faziam de acordo com as leis.<sup>25</sup>

Na concepção cristã, os mártires não temiam a morte, fazendo dela um último sacrifício, sendo lembrados mais por sua morte do que por sua vida. Logo, eram identificados pela coragem e apontados como exemplos a serem seguidos. Eusébio valorizava os mártires, engrandecia suas virtudes e reiterava que a vitória seria da Igreja, ou seja, que tudo estava sendo realizado com um propósito. Ser mártir não apenas representava o ideal de glorificação da morte, mas também expressava o legado de um comportamento virtuoso. Com esse ideal, Eusébio de Cesaréia apresentava um objetivo de vida claro aos cristãos: a redenção/felicidade seria o reino celestial. Além disso, para ele, os mártires morreriam para restabelecer a ordem política, para que a Igreja assumisse poder junto ao Imperador: “Os vivos eram causa de vivificação dos mortos e os mártires comunicavam a graça aos que não eram mártires (2Cor 2,7; Cl 3,13)”<sup>26</sup>

No final do século III e início do IV, esse ideal maior era apresentado como um prolongamento da paixão de Cristo. Para que se chegasse a essa concepção, foi necessário que surgissem elementos simbólicos que ressignificassem a vida, o sofrimento, a dor e a morte, ou seja, que, de certo modo, modificassem a valorização negativa dos mártires pelas autoridades do Império, segundo a qual os cristãos eram infratores desprezíveis. Na concepção do autor, os mártires, na qualidade de seres virtuosos, não mereciam tais crueldades, mas morreram pelos erros<sup>27</sup> que todos os cristãos cometiam. De um lado, Eusébio apresenta o sofrimento e a morte do mártir cristão como bem precioso e, de outro, considera a morte de um pagão como castigo divino por suas condutas deploráveis. Dessa forma, em suas narrativas, o autor adota uma didática na qual a conduta do fiel se contrapõe às atitudes reprováveis dos inimigos de Cristo.

Eusébio de Cesaréia sabia que, politicamente, o cristianismo era fundamental para estabilizar o Império, e essa oportunidade tinha surgido com o imperador Constantino. Pôde, assim, valorizar o cristão martirizado como exemplo de virtude e esperança para todo o Império<sup>28</sup>. Fato é que Eusébio conhecia seu contexto e, em sua obra, expôs seu posicionamento acerca das mudanças pelas quais sua sociedade estava passando. Para tanto, fundamentou-se em outras obras, contemporâneas dele ou mais antigas, fornecendo informações sobre a sociedade, a religião e a política da época. A nosso ver, fica evidente que o interesse do bispo de Cesaréia pela ajuda imperial

<sup>25</sup> EUSÉBIO DE CESAREIA, 2000, p. 138.

<sup>26</sup> EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p. 195.

<sup>27</sup> Cabe destacar que o ‘erro’ mencionado nesse parágrafo se refere às religiões pagã e judaica. Ao tratar da religião pagã, o erro dos cristãos seria, por influência dos costumes pagãos, negligenciar os princípios da religião cristã. Ao tratar do judaísmo, os cristãos erravam quando eram favoráveis às calúnias e, para não sofrer, negavam ser cristãos.

<sup>28</sup> SILVA; MENDES, 2006.

na proteção da Igreja, bem como sua luta político-religiosa, se baseava na ideia da unificação do poder em um só soberano, espelhando, assim, seu entendimento acerca da ordem do universo, governado por um só Deus.

Ao mesmo tempo em que evidencia a antiguidade e a virtude do cristianismo, Eusébio defende e reveste de honra o poder imperial. Em nosso entendimento, conciliar a crença cristã com o governo romano era um ideal de Eusébio de Cesaréia para também legitimar o cristianismo, que estava sempre em perigo de ser extinto por causa das grandes perseguições; entretanto, aliado ao governo, poderia triunfar, concedendo segurança aos adeptos cristãos e existência à religião.

A ideia de unir o cristianismo ao Império, segundo Ramalho<sup>29</sup>, ganha destaque no final da *H.E.*, quando o autor se refere às conquistas de Constantino, apresentando-o como um Imperador levantado por Deus para livrar os cristãos de seus opressores. Entretanto, Eusébio de Cesaréia entendia que a união entre Igreja e governo era uma forma de solucionar o problema do cristianismo e do Império, mesmo antes de ter escrito sua obra.

Entendemos que a desestruturação político-institucional do Império, analisada em nossa pesquisa, demandava a unidade política-religiosa. Para o bispo de Cesaréia, o cristianismo poderia ser a estratégia que traria a unidade entre governo e religião, o que fica claro no livro X da *H.E.* Da mesma maneira que ele pensava na possibilidade de fortalecer o cristianismo na época, o Imperador Constantino queria fortalecer seu governo. Assim, ambos tinham ambições políticas e interesses próprios, como ficou evidenciado na posterior unificação entre o cristianismo e o Império Romano.

Acreditamos que ao propor uma pedagogia baseada nas virtudes voluntárias dos mártires cristãos, o bispo de Cesaréia tinha como objetivo construir um ideal cristão de esperança por uma sociedade melhor. Para ele, a solução para o caos do Império Romano estava unicamente nos ideais da virtude cristã expressos em cada aspecto do martírio. Seu objetivo principal na *H.E.* era registrar a história do cristianismo e, por isso, não é de estranhar que, nos dois últimos livros, ele tenha narrado as virtudes do Imperador Constantino, pois ele era, em última instância, o principal aliado para que o seu projeto de expansão do cristianismo fosse exitoso. Foi nesse momento que a ideia de unir o cristianismo e o governo romano começou a entrar em evidência, na medida em que o Imperador se demonstrava defensor do cristianismo, com o objetivo de fortalecer o Império Romano.

Eusébio reitera que os espectadores dos martírios, em algumas situações, ficavam assustados com a resistência aos suplícios e com as virtudes demonstradas. Reitera, também, que o impacto causado pelo martírio no público que assistia era significativa porque, testemunhando cada atitude do cristão durante o martírio, as pessoas contribuíam para a divulgação da história e do testemunho do mártir. Rodrigues<sup>30</sup> menciona que a presença dos espectadores durante os suplícios foi um fator fundamental para divulgação da história dos mártires.

Ao defender a existência do cristianismo e sua veracidade, Eusébio não restringia seu objetivo ao aspecto religioso. Como já observado, o Império Romano necessitava de uma estratégia política, e o meio para isso foi apresentado pelo bispo de Cesaréia: um ideal de homem direcionado pela boa vontade de Deus e pelo amor a Deus. Nos livros IX e X da *H.E.*, ele relata que o Imperador Constantino favoreceu os cristãos ao derrotar o Imperador Maxêncio (278-312). A partir de então,

---

<sup>29</sup> RAMALHO, J. *O Eusébio de Constantino e o Constantino de Eusébio: o início das relações de poder entre a Igreja e o Estado*, 2012.

<sup>30</sup> RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.



apresentou o cristianismo como elemento fundamental para unificar o Império e fortalecer o governo de Constantino.

Segundo Gibbon, em um momento de instabilidade político-institucional, Constantino almejava a consolidação, a ampliação de sua autoridade e de sua base de poder. Com a chegada de Constantino ao poder e a paz da Igreja cristã, a relação entre o Estado e a Igreja mudou significativamente. Entendemos que os objetivos centrais de Eusébio de Cesaréia ao utilizar os exemplos dos mártires como estratégia pedagógica eram contribuir para a unidade do Império, centralizar o poder e estabilizar o caos. Os aspectos já mencionados nesta pesquisa foram cruciais para o fortalecimento político, já que todos, tanto os iletrados quanto os letrados, conheceram os suplícios dos mártires e seus virtuosos feitos.

Na *H.E.*, o ‘ser ideal’, sofrendo suplício sem titubear, tornou-se uma estratégia de convencimento. Em sua narrativa, Eusébio de Cesaréia apresenta um cristão que tinha uma vida reta, que era exemplo de bondade para com o próximo, virtuoso em sua prática e que se entregou à morte para não negar seus ideais cristãos. As narrativas de Eusébio de Cesaréia sobre o martírio se tornaram, portanto, uma estratégia educacional, por meio da qual se enaltecia o ‘homem bom’, corajoso diante dos que precisavam ser purificados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas décadas anteriores e posteriores à virada do séc. III para o séc. IV, a crise do Império Romano estava se agravando, tornando necessária uma estratégia para reestruturá-lo. Para o Imperador Constantino e para o Bispo de Cesaréia, Igreja e Estado pareciam indispensáveis, como aliados, dado ao fato que o cristianismo tinha conquistado vários adeptos. Acreditamos que esse cenário sempre esteve no horizonte do Bispo de Cesaréia e que, com o tempo, foi ganhando espaço na sociedade romana, efetivando-se com Constantino.

Formar o ser ideal era o grande desafio para Eusébio, entretanto, alguns caminhos deveriam ser observados, neste caso o martírio. Eusébio de Cesaréia apresenta o cristão perfeito, baseado nos martírios, enaltecendo suas virtudes e sua coragem. O martírio, para o bispo de Cesaréia, era um modelo de fé, o corpo do mártir era um símbolo sagrado que fora purificado com sangue e, conforme a religião cristã, conduzido ao paraíso. Nessa concepção, embora o cristão sofresse torturas e ameaças, fosse imolado e morto, era favorecido pelo favor divino, que o revestia de misericórdia, santificando-o.

Certamente, para o cristianismo, a morte é fundamental, pois, somente por meio dela é que o adepto pode receber sua recompensa eterna. Ou seja, tendo seu nome marcado entre os mártires, o cristão estaria livre das perseguições e poderia desfrutar a paz eterna. Acreditamos que, com a justificativa de uma vida eterna, pautada na esperança espiritual, estar disposto a morrer por um ideal era, sem dúvida, uma possibilidade atrativa. Eusébio de Cesaréia apresenta, em suas narrativas, os detalhes do martírio, traçando, com ele, uma linha em direção ao ideal cristão: no trágico, na dor e na morte, ele vê uma oportunidade para ensinar o amor, a bondade, a aproximação das coisas de Deus e a virtude em todas as coisas práticas da vida. Com o martírio, ele apresenta um homem bom, coberto por virtudes, mostrando que este, mesmo depois de sua morte, continua a ensinar os cristãos, tornando-se uma relíquia. Assim, quando os cristãos se deparam com partes do corpo de um mártir, as lembranças de sua virtude tornam-se um elemento fundamental de memória para fomentar a conversão contínua do cristão, ou seja, segundo Eusébio de Cesaréia, durante o martírio muitos se tornaram cristãos e muitos outros, mais tarde, com os relatos do martírio e relíquias.

Por fim, nosso estudo demonstrou-se profícuo porque nos conduziu a uma ampliação do olhar em relação à educação e à história da educação na antiguidade, pois o estudo da obra nos permitiu compreender o projeto de formação do homem cristão presente na narrativa do bispo de Cesaréia. Conforme Bloch<sup>31</sup>, verificamos que, ao estudar a experiência dos homens em presentes que não são os nossos, podemos aprender sobre questões e problemas essenciais que acompanham os homens, as sociedades e, por conseguinte, os caminhos que percorreram. Verificamos, na obra de Eusébio de Cesaréia, que a educação pelo *exemplum* foi essencial para a formação dos cristãos, em sua época. Além disso, a intrínseca relação entre educação e política é evidenciada pelo estudo da *H.E.* na perspectiva da História da Educação, relação que não podemos perder de vista, sob pena de prejudicarmos a compreensão e a ação no nosso presente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. B.; DELLA R. M. A história eclesiástica de Eusébio de Cesaréia frente à tradição historiográfica clássica. In: TEIXEIRA, I. S.; BASSI, R. *A escrita da história na Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 9-35.
- BARBERO, A. *O dia dos Bárbaros: 9 de agosto de 378*. São Paulo: Liberdade, 2010.
- BLOCH, M. L. B. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. Vol. 1 a 6. São Paulo: Hagnos, 2008.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GONÇALVES, A. T. M. Os Severos e a anarquia militar. In: SILVA, G. V. MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o império romano*. Vitória: EDUFES, 2006. p. 175-191.
- GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- RAMALHO, J. O Eusébio de Constantino e o Constantino de Eusébio: o início das relações de poder entre a Igreja e o Estado. 2012. *Dissertação* (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.
- ROUX, P. *Império Romano*. São Paulo: LP&M, 2009.
- SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Ed.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

---

<sup>31</sup> BLOCH, 2001.